



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 66-67
2014-2015

VIVER E MORRER NUM *RIBĀT* NO EXTREMO SUDOESTE DA EUROPA (ARRIFANA, PORTUGAL)

Mário Varela Gomes¹, Rosa Varela Gomes²

¹ Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente de Arqueologia do Departamento de História e membro integrado do Instituto de Arqueologia e Paleociências da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa / Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa / mv.gomes@fcsb.unl.pt

² Docente do Departamento de História e directora do Instituto de Arqueologia e Paleociências da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa / Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa / rv.gomes@fcsb.unl.pt

Resumo

O *ribāt* da Arrifana, por nós identificado em 2001, é já considerado por muitos investigadores que se dedicam ao estudo da presença islâmica medieval no Ocidente, como uma das mais importantes descobertas arqueológicas do século XXI. Paulatinamente, ali temos dirigido campanhas anuais de escavações, com diferente fôlego, mas que vêm contribuindo para o melhor conhecimento daquele sítio excepcional, não só pelos testemunhos que conserva como pela possibilidade de os podermos cruzar com diversa informação literária. O *ribāt* da Arrifana foi classificado, em Julho de 2013, como Monumento Nacional de Portugal.

Palavras-chave: *Ribāt*, Ibn Qāsī, Arrifana, Aljezur, Algarve, Mesquita.

Abstract

The Arrifana *ribāt*, identified by us in 2001, is considered by many researchers, who study the Islamic presence in the West to be one of the most remarkable archaeological discoveries of the 21st century. Gradually, once a year, the authors have performed archaeological excavations, aiming to understand this exceptional site not only through the field evidences, but also with the possibility of crossing archaeological information with literary data. The Arrifana *ribāt* was classified, in July 2013, as a Portuguese National Monument.

Keywords: *Ribāt*, Ibn Qāsī, Arrifana, Aljezur, Algarve, Mosque.

1. TESTEMUNHOS LITERÁRIOS

A Arqueologia das Idades Históricas, hoje considerada imprescindível para o completo conhecimento daquelas, tem o privilégio, não raro, de poder confrontar a informação empírica que manipula com a obtida nos documentos escritos. Este enriquecedor cruzamento de testemunhos, das variadas vertentes do pensamento e das materialidades, legados pelas sociedades humanas pretéritas, tem alcançado expressão no estudo do *ribāt* da Arrifana, apesar da escassez de textos antigos, tanto daqueles que o referem como dos relacionados com o seu fundador.

A instituição *ribāt* é bem conhecida no mundo islâmico, onde se encontra intrinsecamente ligada à sua expansão político-religiosa e militar, como à manutenção daqueles poderes, tendo-se sobre ela debruçado diversos autores (Farinha, 2007). Constituem os exemplos mais conhecidos, das estruturas que corporizam aquele conceito, os *rubut* de Monastir e de Sousse, na actual Tunísia, fundados, respectivamente, em 796 e 861, ou os *rubut* de Tit (Mazagão) e de Rabat, ambos almoadas e no actual Marrocos, que responderam a alterações ideológicas e políticas, no seio de territórios islamizados.

Traduzem problemática semelhante a existência de *rubut* no *al-Andalus*, onde a informação literária regista a presença de rábitas ou arrábidas, que a toponímia também conserva, embora tais complexos religiosos possam ser mais tardios e, até, edificadas em tempos cristãos.

Os *rubut* peninsulares, em termos arquitectónicos bem diferentes dos magrebinos, são conhecidos através de dois arqueossítios, o *ribāt* de Guardamar e o da Arrifana (Azuar Ruiz, 2007, pp.35, 36). O primeiro situa-se no delta do rio Segura (Alicante), na Costa Levantina, foi fundado nos finais do século IX, encontrando-se activo durante o século X e nos inícios da centúria seguinte. O *ribāt* da Arrifana (Aljezur), apesar das referências escritas, só foi identificado em 2001 e ali efectuámos onze curtas campanhas de escavações arqueológicas, que têm proporcionado o conhecimento das suas estruturas e aspectos do quotidiano dos seus utentes, os *murābitūn*,

que naquele local se preparavam para a guerra santa (*djihād*) (Gomes, 2006; 2011; 2011a; Gomes e Gomes, 2004; 2004a; 2005; 2005a; 2005b; 2006; 2007; 2011; 2012; 2014; Barceló, Gomes e Gomes, 2011).

Poucos foram os autores que se debruçaram sobre a história dos últimos tempos do *Gharb al-Andalus* que não abordaram a figura complexa de Abū-l-Qāsim Ahmad Ibn al-Husayn Ibn Qasī, mestre sufi nascido na *kora* de Silves, com o qual se encontra sempre conotada a existência do denominado *ribāt al-Rihana*, por ele fundado.

A mais importante fonte, coeva da vida daquele líder espiritual e político, é o texto desaparecido de Ibn al-Salā, de Beja, "*A Revolta dos Muridun*" (*Kitāb Thawrat al-Muridun*), retomado por Ibn al-Abbār (*Kitāb al-Hullat, al-siyarā*), na primeira metade do século XIII, e por Ibn al-Khatīb (*Kitāb a māl al-a'lām*), na centúria seguinte, devendo-se a David Lopes (1910) a primeira tradução, embora parcial, daqueles documentos para português.

O "*mosteiro da Arrifana*", situado na "*orla do mar*" foi mencionado por Ibn al-Abbār (1199-1250), homem da corte almoada de al-Mansūr e desaparecido um século depois de Ibn Qasī, no relato da vida de Ibn Almúndir, um dos mais directos seguidores do *mahdī*, quando a sua opção ascética (*zuhd*) conduziu a que se retirasse para o *ribāt* referido. Por outro lado, Ibn Al-Khatīb (1313-1374), deixou expresso que Ibn Qasī "(...) edificou um mosteiro em alcaria importante do termo de Silves (...)", quando "(...) uma multidão de eremitas e gente de guerra tomou o seu partido, entre os quais os seguintes: Ibn Wazir (...), Ibn Anane (...), Ibn Almúndir (...), Ibn Abú Habibe e muitos outros indivíduos importantes da parte ocidental do *al-Andalus*." (Coelho, 1973, p.252; Picard, 2000, pp.93,94).

Texto de al-Marrākushī (*Al-Dhayl*), elaborado em Bagdade, de cerca de 1224 e, por certo, esteado nas narrações da autoria de Ibn al-Salā e talvez de Ibn al-Abbār, descreve a revolta dos *murābitūn* e, negativamente, a acção de Ibn Qasī. Também Abū Bakr al-Baydhak elaborou "*História dos Almoadas*", onde cita o mestre silvense (Alves, 2001, pp.122, 123).

A existência do *ribāt* da Arrifana foi, igualmente, registada por Ibn al-Faradi, que o situa, e bem, na *kora* ou distrito de Silves, e talvez por Ibn Bashkuwal (*Kitāb al-Sila*), ainda no século XII.

O geógrafo Yaqût (*Mu'djām al-buldān*) menciona, no século XIII, a região de *al-Rihana*, que indica localizar-se na costa, a norte do grandioso Cabo do Algarve, também conhecido desde a Antiguidade como Cabo Sagrado e hoje de São Vicente (Lopes, 1910, p.74; Coelho, 1973, p.258; Picard, 1997, pp.88,89). E texto árabe, do século XII, indica a existência do *Tarf al-Rihana*, ou seja, o Cabo ou Ponta da Arrifana (Seibold e Lopes, 1903 p.125).

Todavia, deve-se ao místico murciano Ibn al-Arabī, uma das mais brilhantes mentes e arguto filósofo do Islão medieval, importante crítica escrita, à figura e obra de Ibn Qasī, intitulada “Comentário ao Livro do Descalçar das Sandálias” (*Sharh Kitāb Khal'al-Na'layn*). Ibn al-Arabī refere ainda o líder algarvio, nas suas “Revelações de Meca” (*Futūhāt al-Makkiyya*) (1202-1231), citando-o como “mestre dotado de autoridade”, apesar de algumas duras objecções que também produz. Este místico teve como mestres, em Sevilha, quatro seguidores de Ibn Qasī, os sufis Al-Uryanī, de Loulé, Abu Imrān, de Mértola, Abu Ibn al-As, de Beja e Abu Ibn Zayn, de Évora e, em Tunes, um dos filhos e discípulo de Ibn Qasī, al-Husayn ou al-Qāsim (Domingues, 1954; 1974; 1997, p.249).

Uma das mais antigas referências, em escritos portugueses, a Ibn Qasī e ao seu *ribāt* da Arrifana, é da responsabilidade de Fr. Vicente Salgado (1786, pp.313-315) que, se baseia em Ibn al-Abbār. O erudito monge franciscano, que foi “professor de latinitude na antiga, e arruinada, cidade de Silves”, conforme ele próprio se apresentou, traçou perfil obscuro e negativo de Ibn Qasī, como seria de esperar devido ao contexto em que viveu. Muitos outros historiadores abordaram a figura incontornável daquele mestre sufi, alguns dos quais lhe dedicaram extensos estudos monográficos (Alves, 1999; 2001; 2007; Borges, 1992; Coelho, 1973, pp.247-268; Domingues, 1945, pp.179-222; 1974; Dreher, 1985; Elliot, 1979; Gomes, 2006; Goodrich, 1978; Her-

culano, 1875, pp.206-212; Lagardère, 1983; 1998, pp.219-238; Lopes, 1928, p.403; Marques, 1972, pp.90, 91, 101; Parreira, 1899, pp.261-272; Picard, 1997, pp.88, 89; 2000, pp.90-99; Sidarus, 1992; 1992a; 1997).

O *ribāt* da Arrifana, segundo julgamos fundado em 1130, teve como principal função o estudo e a reflexão religiosa, que se traduzia na preparação para a *djihād*, contra todos aqueles considerados inimigos do Islão e da verdadeira fé, tanto muçulmanos que enveredassem por heresias, como gentes de outros credos, designadamente cristãos, moçárabes ou judeus. A *djihād* era então tida como dever colectivo e legítimo, tendo em vista a propagação do Islão (De la Puente, 2001; Marín, 2004, p.194; Molina, 1983, p.34).

Ali foram, certamente, divulgados e estudados os grandes princípios sufis, como a própria mensagem espiritual de Ibn Qasī, cuja obra capital chegada até aos nossos tempos denomina-se “Livro do Descalçar das Sandálias” (*Kitāb Khal'a al-Na'layn wa iqtibās al-anwārmin mawdu al-qadamayn*) e de que se conhecem dois manuscritos, ambos conservados na Biblioteca Suleymaniya de Istambul. E foram tantos os seus seguidores que a palavra do mestre depressa se transformou em corrente religiosa e política, tendo alastrado a todo o Sudoeste Peninsular, como incitado a revolta contra a administração almorávida. Em 1144, um grupo dos seus discípulos tenta tomar o castelo de Monte Agudo, ao que parece situado nos arredores de Mértola. A guarnição daquele resistiu, mas o revés conferiu novo ânimo aos *murābitūn* de Ibn Qasī e um dos seus mais directos colaboradores, Muhammad Ibn Yahya al-Shaltisi, igualmente conhecido como Ibn al-Qābila al-Mustafa (o eleito), tomou o castelo de Mértola a 14 de Agosto de 1144, derrotando, com astúcia, a guarnição almorávida.

Estava dado o sinal de um tempo novo e pouco depois Ibn Qasī fez a sua entrada triunfante naquela povoação, sendo aclamado *mahadī* ou enviado de Deus.

Em 1147 ocorreu a morte do último emir almorávida e o emir almoada Al-Múmin apossa-se de

Marraquexe, então a mais importante cidade do *Maghreb*, enquanto um dos seus generais, Abu Ish'aq Barāz, com o apoio directo de Ibn Qasī e dos seus homens, vindos do *ribāt* da Arrifana, mas também de muitos pontos do que é hoje o Sul de Portugal, conquista Sevilha aos Almorávidas. Esta vitória contribuiu decisivamente para a imposição e reconhecimento do domínio almoada no *Gharb al-Andalus*, passando este a integrar o extenso império magrebino.

Ibn Qasī era então um líder religioso e político incontestavelmente respeitado, daí a importância que lhe confere al-Múmin, deixando-o participar naquela tão significativa campanha militar, ao lado de um dos seus mais prestigiados generais, e concedendo-lhe o título de *wali*, ou seja de ser o seu representante no *al-Andalus*.

As inquietudes de Ibn Qasī perante comportamentos prepotentes dos Almoadas, apoiados por Ibn Wazir seu discípulo, e o crescente avanço cristão para sul, leva-o a tentar estabelecer acordo, ou pacto, com D. Afonso Henriques. O rei português, que já havia conquistado Santarém, Lisboa, Almada e Palmela (1147), considera Ibn Qasī como seu par, dado que, segundo Ibn al-Khatīb, lhe ofereceu um cavalo, um escudo e uma lança, prendas próprias de soberano (Alves, 2001, p.60). Ibn Qasī foi, naquele mesmo ano de 1151, acusado de trair o Islão e cobardemente assassinado em Silves, às mãos dos sequazes de al-Múmin e de Ibn Almúndir, que também tinha sido um dos seus discípulos dilectos e que foi nomeado governador daquela cidade.

O *ribāt* foi então abandonado, talvez amaldiçoado e, segundo o testemunho do cruzado Roger de Howden (*De Viis Maris et de Cognitione Terrarum...*, 1191-93), que quarenta anos depois por ali passou, encontrava-se reconhecível mas em ruínas.

2. TESTEMUNHOS ARQUITECTÓNICOS

O complexo de edificações correspondentes ao *ribāt* fundado por Ibn Qasī ocupava não só a *finis terrae* hoje conhecida por Ponta da Atalaia, como algumas zonas adjacentes, reflectindo inteligente

estratégia de localização que contemplava as vertentes religiosa, político-militar e económica.

A escolha de península, afastada dos centros de poder de então, entronca em tradição antiga, com origens no Oriente e que passou ao Norte de África, onde se desenvolveu, sobretudo sob domínio almorávida. O *ribāt* costeiro responde não só à necessidade de defesa e controlo dos litorais, como de importantes vias comerciais, processadas através de rotas terrestres ou marítimas, estas então percorridas principalmente à vista da costa, como às práticas ascéticas.

O mar imenso é um espaço talvez desde sempre considerado perigoso, adimensional e não raro possuindo águas revoltas, envolvidas por tempestades, acreditando-se ter vida própria e ser habitado por quimeras e/ou outros monstros, como pelos mortos, tornando-se quase sobrenatural. Não deixando de constituir forte desafio para os sentidos e para a mente, ele é capaz de despertar profundas emoções e de proporcionar a exaltação metafísica. No limite, é o lugar da luta entre o bem e o mal, pelo que, segundo tal perspectiva, trata-se de meio propício aos itinerários iniciáticos, capazes de conduzir à experimentação transcendente e ao Paraíso Terrestre. Aliás, Ibn Qasī compara, na sua obra capital, a unicidade divina e a dimensão do conhecimento, com a imensidão oceânica, que por certo contemplava do seu *ribāt*. Também subcapítulo daquele texto, intitulado "*O Caminho das Escarpas*", onde se referem as grandes dificuldades e privações da vida religiosa, sugere alusão aos estreitos carreiros que percorrem, não sem perigos diversos, as arribas da Arrifana.

O conjunto edificado sob a direcção de Ibn Qasī, no ambiente singular referido, junto de antiga alcaria, conforme o texto de Ibn Al-Khatīb, evidencia planeamento hierarquizado, capaz de traduzir aspectos funcionais e simbólicos. Os restos de estruturas identificadas mostram os alicerces e o arranque das paredes normalmente em alvenaria de pedra, sendo as paredes erguidas em taipa. Todavia, existiram paredes apenas edificadas em taipa. As coberturas podiam ser em telhado ou em terraço,



Figura 1 – Localização do Ribât da Arrifana e estruturas descobertas.

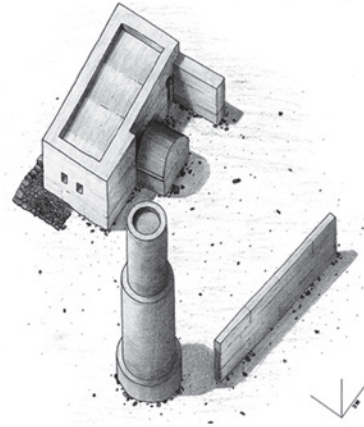
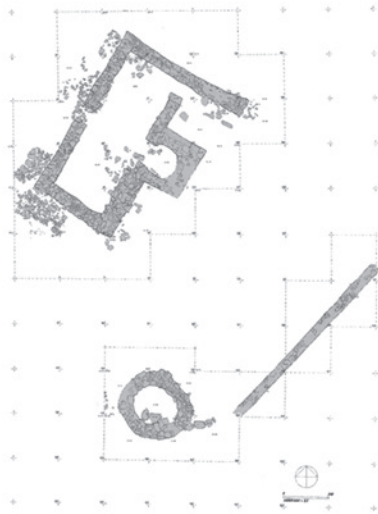
sobre estrutura de madeira e, no último caso, com massa de terra.

Na zona por onde se fazia o ingresso no *ribât* (Sector 4), mais próxima do mundo profano, encontrou-se um grande pátio, com duas mesquitas e outras edificações anexas, no lado sudeste, muito possivelmente correspondendo a escola corânica (*madrasa*), onde se faria a iniciação na doutrina sufi e à comunidade ali instalada. Uma das pequenas mesquitas, a melhor conservada de todas as até agora exumadas no *ribât*, dado algumas das suas paredes atingirem ainda 1,80 m de altura, mostrava área sobrelevada no topo nordeste do seu interior.

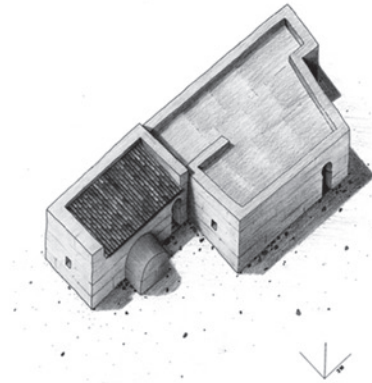
A sul identificou-se uma pequena mesquita que, tal como as outras, possuía *qibla* dirigida para sudeste. A nascente das estruturas acima mencionadas

reconheceu-se a necrópole, inicialmente circundada por muro que fechava o espaço do *ribât*, mas que haveria de também ocupar o espaço exterior anexo. Ali foram postas à vista sessenta e cinco sepulturas, as quais, exceptuando três, agrupadas a nordeste e tendo orientação norte-sul, encontravam-se orientadas no sentido nordeste-sudoeste, indicando a disposição dos cadáveres, que nelas seriam depositados em *decubitus lateral*, com a cabeça dirigida para aquela segunda direcção e a face voltada para sudeste (Meca), aspectos que a escavação de sete fossas funerárias e os restos osteológicos ali encontrados confirmam.

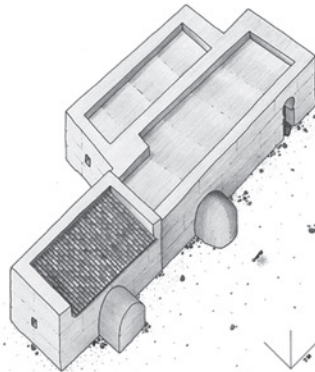
Todas as sepulturas possuem planta rectangular, mas de diferentes dimensões, encontrando-se algumas adossadas às *qiblas* das mesquitas acima



A



B



C

Figura 2 – Plantas e reconstituições de mesquitas e outras estruturas, dos sectores 3 (A), 2 (B) e 1 (C) (desenhos J. Gonçalves).



Figura 3 – Três mesquitas, madrasa e necrópole (Sector 4) (desenho J. Gonçalves).

referidas ou ao muro mencionado, sendo assinaladas por *tumuli*, muito baixos, limitados por muretes de pedras e preenchidos com terra e, em alguns casos, cobertos com pedras, nomeadamente blocos de arenito de cor branca. Algumas sepulturas foram assinaladas por pequenas estelas anepígrafas, constituindo excepção dois exemplares encontrados ainda erguidos *in situ*, dado oferecerem longos textos.

Uma daquelas estelas (A) erguida no canto sul do *tumulus* da sepultura 4, que media 2,56 m de comprimento por 1,32 m de largura e 0,210 m de altura, talvez sendo o fundador do espaço mortuário e a que se encostavam dois outros *tumuli* de dimensões algo menores. Na face da estela voltada para noroeste o texto encontra-se distribuído por oito linhas, e informa sobre a identidade do indivíduo sepultado, qual o seu nome, a sua idade no

momento da morte, a data em que esta ocorreu e frases pertencentes a formulário de carácter religioso. O texto principal foi datado em 461 H. / 1069 J.C., a que se juntou fragmento do Corão, entre 485 e 495 H. / 1094-1102 J.C., e posteriormente pequena palavra invertida, na base do monólito, talvez antes de 505 H. / 1112 J.C.

Torna-se difícil sabermos se o epitáfio, reutilizado em tempos mais modernos que a data consignada na lápide, estava *in situ* no local onde se edificou o *ribât* ou foi para ali trasladado, de pequena alcaria situada próxima. Recordemos que Ibn al-Hatib (1313-1379) refere na *Kitāb a' māl al-a' lām* (Lévi-Provençal, 1934, p.286) o facto de Ibn Qasī ter fundado o seu *ribât* junto de *qarya ġalla* ou "alcaria importante" (Coelho, 1973, p.252; Lopes, 1910; Picard, 2000, pp.93, 94).

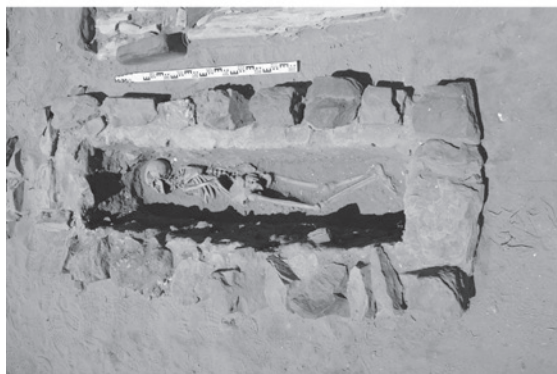


Figura 4 – Aspectos da necrópole (Sector 4) (fotos M. V. Gomes).

A outra estela epigrafada (B) encontrava-se erguida, no lado sudeste da sepultura 54, fixada ao solo através de coroa de pequenas pedras, imbricadas e argamassadas com terra. Assinalava o sepulcro de homem, falecido em 1148, provavelmente do círculo próximo a Ibn Qasī ou um dos seus *murīdīn*, falecido durante as lutas contra os Almorávidas.

As estelas funerárias verticalmente implantadas nos *tumuli*, mesmo quando anepígrafas, detinham simbologia antropomórfica e contrastam com as estelas horizontais, próprias da área iraniana do Islão. Pode-se, ainda, colocar a hipótese de algumas estelas terem sido construídas em madeira, pelo que desapareceram.



Tradução:

- 1 [Em nome de Deus.] Clemente e Misericor[dioso].
- 2 «Deus testemunha, e com Ele [os anjos e] os homens dotados de ciência, que não há outro deus senão Ele, trabalhando
- 3 com equidade. Não há outro Deus senão Ele, o Poderoso, o Sábio» [Alcorão III, 18]
- 4 Morreu Ibrāhīm bn 'Abd al-Malik – Deus tenha piedade dele! –
- 5 aos sessenta e oito anos, dando testemunho de que não há outro deus
- 6 que Deus, único, sem par e de que Maomé é seu servidor e seu enviado,
- 7 na noite de segunda-feira, a dez por ficar do último *rabī'* do ano sessenta e um
- 8 e quatrocentos [15 de Fevereiro de 1069] Deus tenha piedade de quem recite uma oração e peça para ele a misericórdia!



Tradução:

- 1 [Em nome de Deus.] Clemente, Misericor[dioso. Seja o que que]r Deus! Esta é a sepultura de
- 2 [Ta]rif (?) bn Ibrāhīm bn Sulay]man bn Ḥayyān
- 3 – Deus tenha piedade dele! – Ele
- 4 deu testemunho de que não há outro deus que Deus, único,
- 5 sem par e de que Maomé é seu servidor e seu en-
- 6 viado. Morreu no início do *šawwāl*
- 7 do ano quarenta e dois e quinhentos [23 de Fevereiro - 3 Março 1148]
- 8 Deus tenha piedade de quem recite uma oração para ele e peça para ele a misericórdia!

Figura 5 – Estelas epigrafadas das sepulturas 4 e 54 (fotos J. P. Ruas; tradução Carmen Barceló).

A escavação completa de sete das sepulturas identificadas, permitiu reconhecer serem individuais e registar as formas, dimensões e posicionamento das fossas funerárias, indicando que os corpos seriam inumados em *decubitus* lateral, orientados nordeste-sudoeste, com a face voltada para Meca, os braços junto ao abdómen e as pernas ligeiramente flectidas. Não foi encontrado outro espólio nas sepulturas para além dos restos osteológicos. Neste contexto, importa recordar que o Profeta apelou à simplicidade das sepulturas e, até, à sua inexistência, pugnando pela igualdade de todos na morte.

Edificação situada na zona norte da necrópole, provida de bancada, depósito para água e tina, escavada no solo, apresentando o chão e as paredes bem revestidos com massa, muito rica em cal, indica tratar-se, segundo a nossa interpretação e principalmente esteados em paralelos hodiernos, de sala para preparação dos mortos (*bayt al-janaez*). Ali se lavariam e tratavam os cadáveres que, envoltos na mortalha, seriam sepultados na necrópole que ocupa espaço anexo a sudoeste.

Para ocidente, em zona onde a península da Arrifana estreita, descobriu-se um denso complexo de construções, formado por quatro mesquitas, uma das quais com grandes dimensões, e um grupo de “vivendas”, algumas com pátio (Sector 1). Este conjunto permitia controlar a passagem para o interior daquele espaço, também defendido por altas fálésias envolventes, sugerindo corresponder ao local com maior actividade do *ribāt*.

Na restante área, identificámos uma pequena mesquita com anexos, ocupando relevo sobranceiro ao mar e situada no lado sul da península (Sector 2), por certo usada por personagem destacada e seus acólitos, assim como conjunto de edificações na extremidade da Ponta da Atalaia. De facto, a zona debruçada sobre o Oceano, correspondeu, por certo, ao lugar mais sagrado do *ribāt* (Sector 3), ali se tendo descoberto os restos de “muro de orações” (*mussallā*), edificado em taipa, constituindo, muito provavelmente, a primeira construção erguida no *ribāt*. Pequena mesquita, situada nas proximidades, pode ter sido a utilizada pelo mestre, dada a

importância simbólica do sítio que ocupava, como pelo facto de junto se encontrar minarete. Este foi, no século XIV, transformado em torre-atalaia, gerando o micro-topónimo através do qual a península é hoje conhecida. Do minarete os fiéis eram chamados cinco vezes ao dia para fazerem as suas orações e deveria, igualmente, funcionar como torre de vigia da costa.

A análise arquitectónica permitiu identificarmos três grandes momentos construtivos no *ribāt* da Arrifana. O mais antigo corresponde ao “muro de orações” que existiu na extremidade da Ponta da Atalaia (Sector 3), ao qual se sucedeu outro que integraria as sete mesquitas com *mihrāb* de contorno exterior quadrangular ou rectangular, e os seus diversos anexos, reflectindo período de grande afirmação religiosa. Por fim, o terceiro integra obras de ampliação ou de renovação, conforme ilustra a grande mesquita do Sector 1, que se adossa a um dos templos referidos, e outra de menores dimensões, ambas providas de *mihrābs* com contorno exterior de planta semicircular.

3. OS ARTEFACTOS

Conforme sempre acontece em zonas de habitat, também o espólio exumado no *ribāt* da Arrifana traduz aspectos da vivência comunitária e particular dos seus ocupantes, os *murābitūn* ou monges-guerreiros ascetas, ali congregados em torno do seu líder espiritual e político.

As cerâmicas constituem o espólio não só mais numeroso mas, também, mais significativo em termo paleoetnológicos, sendo muito escassos os artefactos produzidos com outras matérias-primas.

Os espólios cerâmicos subdividem-se em duas grandes categorias: a dos recipientes e de outras pequenas peças relacionadas com as actividades quotidianas e a da cerâmica de construção, representada, exclusivamente, por fragmentos e alguns exemplares completos de telhas, não raro decorados através de conjuntos de três traços digitados, formando desenhos variados. Um destes elementos construtivos apresenta inscrição incisa em árabe.

Reconheceram-se mais de vinte formas distintas de cerâmicas, possuindo numerosas variantes e pertencendo a recipientes de mesa (taças, púcaros, jarros, bules e garrafas ou galhetas), a louça de cozinha (alguidares, frigideiras e painéis), a vasilhas de armazenamento (cantis, cântaros, potes e talhas), a testos ou a tampas, utilizados para tapar jarros, painéis ou cântaros, a contentores de fogo (fogareiros, lucernas e queimadores), tal como fusaiolas e pequenas malhas ou marcas de fogo.

As cerâmicas do *ribât* da Arrifana devem, excluindo-se casos muito raros, como algumas peças esmaltadas ou de corda-seca, integrar produções regionais e locais, importando sublinhar que não se registaram peças pertencentes a produções claramente exógenas, para além de lucerna esmaltada de cor verde. Elas permitem estreitos paralelos, técnicos, formais e decorativos, com outros arqueossítios islâmicos do *Gharb*, como do *Sharq* ou do *Maghreb*. Não obstante, as principais afinidades encontram-se nos espólios da alcáçova e de zonas da área urbana de Silves, onde desenvolvidas sucessões estratigráficas, tal como séries de datações absolutas, conduziram a classificá-las, pela primeira vez, com segurança e precisão (Gomes e Gomes, 1995; Gomes, 2002, pp.20-22, 49, 50; 2011, pp.367-385).

Os numerosos recipientes produzidos com argilas pouco depuradas e montados ao torno lento, parecem reflectir os princípios doutrinários ascéticos, a que se associa o apelo à frugalidade alimentar e aos jejuns, tendo em vista combater o que Ibn Qasî chamou “egoísmo do estômago”.

Identificou-se, no Sector 4, forno (*tannur*,) construído com barro cozido, e restos de outro no interior de zona residencial do Sector 1. O primeiro, em excelente estado de conservação, demonstrando abandono súbito, possui paralelos tanto no *al-Andalus* como no *Maghreb*, onde tais estruturas serviam, principalmente, para cozer pão. Tiveram esta mesma função os muitos pratos (*tābaq*) ou frigideiras, que encontramos no *ribât*, tal como ainda hoje acontece em numerosas regiões no Norte de África (Gutiérrez Lloret, 1990-91; Bazzana, 1996).

Entre o acervo metálico exumado importa des-

taçarmos folhas de lança, pontas de flecha ou de virotes de besta, punhal e machado, tudo de ferro, argolas de cotas de malha, elementos de cintos e fusos de fiar de bronze, fusaiolas de chumbo, etc.

As armaduras de flecha denunciam a presença de tiro com arco, arma que foi usada tanto na guerra como na caça e muito divulgada no mundo muçulmano, cuja utilização terá sido defendida pelo próprio Profeta, através das seguintes frases: “*Aquele que atira uma flecha por amor de Deus, quer atinja ou não o inimigo, terá um lugar especial perto do seu Senhor*” e “*Atirai com o arco filhos de Ismael, porque o vosso antepassado era arqueiro*” (Boudot-Lamotte, 1968, pp.42, 44).

O uso de bestas encontra-se documentado no Ocidente Peninsular, entre Cristãos e Muçulmanos, pelo menos a partir de meados do século X, tendo surgido nozes, estribos de besta e outros acessórios metálicos de tais armas, em contextos almoadas do Castelo de Silves e da alcáçova de Mértola. Flechas e virotes podiam ser empenhados com acónito, potente veneno de origem vegetal (Arnaut, 1947).

Os pequenos cossoiros, de chumbo ou estanho, são idênticos a muitos outros que temos vindo a exumar no Castelo de Silves, onde integravam achados correspondentes às ocupações islâmicas mais tardias (séculos XII-XIII).

Foram produzidas em osso agulhas de roca, agulhas de rede e fusaiolas. Estas são semelhantes a exemplares provindos de contextos islâmicos do *Gharb*. Trata-se de artefactos que denunciam a actividade artesanal desenvolvida no *ribât* e o aproveitamento daquela matéria-prima, ali igualmente utilizada em cabos de facas. Uma cunha de osso de cetáceo e outros fragmentos do mesmo mamífero mostraram datação pelo 14C, uma vez calibrada a 2 σ , de 1056-1293 (Sac.-2794).

No Sector 3 encontrou-se pequeno pente de tear, de ferro, com paralelos em achados de Salir e Mértola. A função dos artefactos ligados à fição e tecelagem da lã, deve inserir-se no quotidiano que decorria no espaço do *ribât*, onde poderia ser confeccionado, pelo menos, parte do grosseiro vestuário de lã (*súf*) usado pelos *murābitūn*.

Tiveram função defensiva as pequenas argolas de cotas de malha, embora mostrando dimensões maiores em relação a outras encontradas em Silves ou Faro, procedentes de contextos almoadas.

Duas pequenas contas, uma de faiança, de cor bege, e outra de cornalina, não têm, por ora, paralelos no mundo islâmico peninsular, podendo tratar-se de artefactos importados do Oriente, chegados ao *ribât* dado usufruírem significado especial, talvez ligado às suas origens exógenas. A cor vermelha intensa da cornalina e a forma esférica da conta, auferiam de simbologia conotada com poderes curativos, profilácticos e apotropaicos. Duas outras pequeníssimas contas, de vidro, constituem testemunhos mais recorrentes.

Também se exumaram fragmentos de pequenas mós rotativas, de pedra, cossoiros, peças de jogo e pequenos tabuleiros para jogos, de xisto, tal como pelouro de sienito pesando 1300 gr, o único testemunho de arma de cerco oferecido pelo *ribât*.

4. MANIFESTAÇÕES DE FÉ

Para além da própria existência do *ribât*, com as suas mesquitas e necrópole, possuindo ritualização específica e estelas funerárias com passagens corânicas, ali encontrámos outros testemunhos da forte religiosidade dos seus habitantes.

No interior da parede norte da mesquita de maiores dimensões, placa de xisto, contendo epígrafe, regista a reafirmação da fé em Deus e na palavra do profeta Maomé, talvez conotada com Ibn Qasí que, ao abraçar o sufismo, passou a usar o nome daquele (*Muhammad em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso*). Em outra placa de xisto, de menores dimensões, recuperada junto a mesquita do Sector 1, lê-se, integrada em cartela, a frase “*O poder pertence a Deus*”, doxologia bem conhecida, sobretudo durante o Período Almoada. Pedra que integrava parede da *madrassa* apresentava a frase “*Louvor a Deus*”.

Também descobrimos, no interior da parede da mesquita no Sector 4, lucerna completa, ali depositada no contexto de prática sócio-religiosa, onde

a simbologia da luz, física e transcendente, teria importante desempenho. Uma outra lucerna, em perfeito estado de conservação, foi colocada, ainda obedecendo a aspecto ritual, entre a parede exterior de forno e muro, no Sector 4.

Pequenos rolos-amuleto de chumbo, que foram introduzidos nas paredes das mesquitas, constituem ainda peças que reflectem as actividades sócio-religiosas decorrentes das funções próprias do *ribât*, onde se fazia o apelo à guerra santa, dali partindo os combatentes.

Os rolos de chumbo, então obtidos junto dos templos ou dos túmulos de personagens santas, eram introduzidos nas paredes das mesquitas, conforme acontecia com exemplares provenientes dos Sectores 2 e 4 do *ribât* da Arrifana. Geralmente contêm frases, pintadas, gravadas ou em relevo, de carácter religioso, onde se expressava a Fé.

Identificaram-se restos de pequenos estojos-amuleto de cobre/bronze, um deles decorado, correspondendo a artefactos com funções apotropaicas, dado que guardavam frases do Corão, escritas sobre papel ou pergaminho, acreditando-se não só protegerem como, de certo modo, predestinarem a vida de quem as usava.

5. CONCLUSÕES

Apesar de termos escavado apenas um quarto da área que pensamos ter sido ocupada primitivamente pelo *ribât* da Arrifana, é possível, ainda que de modo preliminar, elaborar algumas conclusões.

A primeira daquelas concerne à presença física de um *ribât* no *Gharb*, para o qual se conhece, mesmo que aproximadamente, a data de fundação, o seu fundador e a cronologia do abandono. Tendo-se identificado apenas um outro *ribât* na Península Ibérica, em Guardamar, no *Sharq*, e apesar de este ser algo mais recuado, ambos apresentam inegáveis afinidades entre si, como o tipo de implantação e de estruturas, diferenciando-se dos *rubut* do *Maghreb*.

O *ribât* da Arrifana além das diversas estruturas ligadas ao quotidiano dos *murābitūn*, conhecendo-se nove mesquitas, vivendas, possível *madrassa*, e

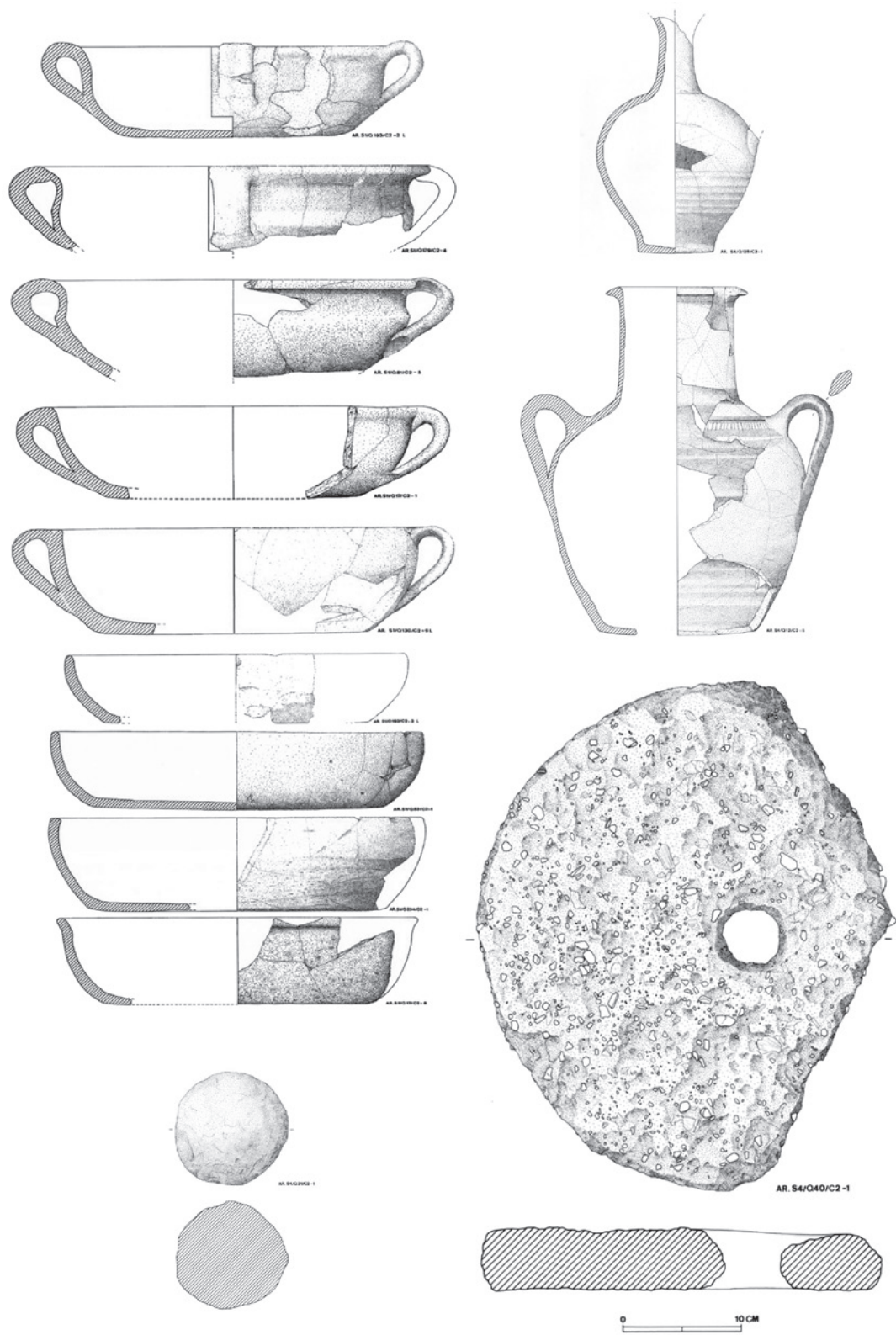


Figura 6 – Ribât da Arrifana. Frigideiras, garrafa, cântaro, mó e bala de catapulta (desenhos J. Gonçalves).

muro de orações etc., possuía minarete, junto a um dos templos e extensa necrópole, associada a compartimento específico para preparação dos mortos (*bayt al-janaez*), o primeiro a ser identificado no antigo território do *al-Andalus*.

Importa relevar que a necrópole ofereceu várias estelas anepígrafas e duas, com longos textos, encontradas *in situ*, as únicas do *Gharb*, onde tal ocorreu.

O espólio reflecte a diversidade das actividades desenvolvidas no *ribât*, desde as ligadas à preparação, conservação e consumo dos alimentos, à pesca e à caça, a outras do tipo artesanal, como a fição e a tecelagem.

No respeitante à cerâmica, que constitui o espólio mais numeroso, verifica-se maior percentagem de produções comuns, nas quais se incluem peças montadas ao torno lento, com pastas mal depuradas e mal cozidas, factos que se devem, por certo a ditames no seio da ideologia sufi.

Conforme mencionámos, são já abundantes os artefactos e as pequenas inscrições relacionadas com a afirmação da Fé, ali recuperados, aspecto menos conhecido no *al-Andalus*.

A continuação das escavações e do estudo das estruturas, como dos espólios exumados, contribuirão para o melhor conhecimento do importante momento histórico protagonizado por Ibn Qasī e a comunidade por ele fundada.

Este projecto foi apoiado pela Fundação Max van Berchem, estabelecida em 1973 em memória de Max van Berchem (1863-1921), o fundador da Epigrafia Árabe. Com sede em Genebra, o objectivo da Fundação é promover o estudo da Arqueologia, História, Geografia, Arte, Epigrafia, Religião e Literatura Islâmicas e Árabicas.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Adalberto (1999) – Ibn Qasī – Esse desconhecido. In *O Algarve, da Antiguidade aos nossos Dias*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 88-90.

ALVES, Adalberto (2001) – *As Sandálias do Mestre. Em Torno do Sufismo de Ibn Qasī nos Começos de Portugal*. Lisboa: Hugin Editores Lda.

ALVES, Adalberto (2007) – *Portugal e o Islão Inicial*. Lisboa: Ésquilo Edições e Multimédia.

ARNAUT, Salvador Dias (1947) – Flechas com “erva” na guerra entre Portugal e Castela no fim do século XIV. *Revista Portuguesa de História*. Lisboa. III, pp. 214-220.

AZUAR RUIZ, Rafael (2007) – O contributo da Arqueologia para o estudo dos *ribât*-s do Al-Andalus. In *Ribât da Arrifana. Cultura Material e Espiritualidade*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, pp. 29-36.

BARCELÓ TORRES, Carmen; GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2011) – Estela funerária epigrafada do *Ribât* da Arrifana (Aljezur). In *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, pp. 147-156.

BAZZANA, André (1996) – Foyers et fours domestiques dans l'architecture rurale d'Al-Andalus. *Arqueologia Medieval*. Porto. 4, pp. 139-163.

BORGES, Artur Goulart de Melo (1992) – Ibn Qasī, rei de Mértola e *mahdi* luso-muçulmano. *Arqueologia Medieval*. Porto.1, pp. 209-215.

BOUDOT-LAMOTTE, Antoine (1968) – *Contribution à l'Étude de l'Archerie Musulmane*. Damas: Institut Français de Damas.

COELHO, António Borges (1973) – *Portugal na Espanha Árabe*. vol. III. Lisboa: Seara Nova.

DE LA PUENTE, Cristina (2001) – La Campaña de Santiago de Compostela (387/997): Yihād y legitimación del poder. *Qurtuba*. 6, pp. 7-21.

DOMINGUES, José Domingos Garcia (1945) – *História Luso-Árabe. Episódios e Figuras Meridionais*. Lisboa: Editora Pro-Domo.

DOMINGUES, José Domingos Garcia (1954) – *O místico louletano Al-Orianie e o pensamento filosófico-teológico do Islame Ocidental*. Lisboa: Edição do Autor.

DOMINGUES, José Domingos Garcia (1974) – Os mestres luso-árabes de Ibn Arabi. *Orientalia Hispanica. Sive Studia F. M. Pareja Octogenario Dedicata*. Leiden. pp. 297-304.

DOMINGUES, José Domingos Garcia (1997) – *Portugal e o Al-Andalus*. Lisboa: Hugin-Editores Lda.

- DREHER, Josef (1985) – *Das Imamat des Islamischen Mystikers Abûlqâsim Ahmad Ibn al-Husain Ibn Qasî*. Bona: Universidade de Bona.
- ELLIOTT, William (1979) – *The Career of Ibn Qasî as a Religious Teacher and Political Revolutionary in 12th Century Islamic Spain*. Edinburg: Edinburg University.
- FARINHA, António Dias (2007) – O Ribât na História. In *Ribât da Arrifana. Cultura Material e Espiritualidade*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur, pp. 27, 28.
- GOMES, Mário Varela (2006) – Ibn Qasî – Memória, do pensamento e acção, do mestre sufi da Arrifana. *Al-Rihana*. Aljezur, 2, pp. 17-44.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1995) – Cerâmicas muçulmanas: Quais as metodologias arqueológicas?. In *Primeiras Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 41-50.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2011) – O ribât da Arrifana, no contexto espiritual e político, entre o *Gharb* e o *Maghreb*. In *Congresso Internacional de História: Portugal e o Magrebe / 4^o Colóquio de História Luso-Marroquina*. Lisboa: Centro de Estudos de Além-Mar / Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, pp. 17-37.
- GOMES, Rosa Varela (2002) – *Silves (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus: Território e Cultura*. (Trabalhos de Arqueologia; 23). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GOMES, Rosa Varela (2011) – *Silves (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus: A zona da Arrochela, espaços e quotidianos*. (Trabalhos de Arqueologia; 53). Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- GOMES, Rosa Varela (2011a) – El mundo rural en el Sur del actual território português (siglos XII-XIII). *Arqueologia Medieval. Els Espais de Secà*. Lleida: Pagès Editors, pp. 99-116.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2004) – O ribât da Arrifana (Aljezur, Algarve): Resultados da campanha de escavações arqueológicas de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 1, pp. 483-573.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2004a) – El ribat de Arrifana (Aljezur, Algarve); identificación y primeros trabajos. In *Fouilles de la Râbita de Guardamar I. El Ribat Califal. Excavaciones e Investigaciones (1984-1992)*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 239-245.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2005) – O ribât da Arrifana (século XII). Resultados de três campanhas de escavações. *Al-Rihana*. Aljezur. 1, pp. 41-71.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2005a) – O ribât da Arrifana (Aljezur, Algarve): Resultados da campanha de escavações arqueológicas de 2003 – Sector 1. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8: 2, pp. 471-533.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2005b) – A *djihâd* no Extremo Sudoeste Peninsular – O recém-identificado ribât da Arrifana (século XIII). *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa. 16, pp. 141-159.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2006) – O ribât da Arrifana (Aljezur, Algarve): Resultados das escavações arqueológicas no Sector 3 (2003/2004). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9: 2, pp. 329-352.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2007) – *Ribât da Arrifana. Cultura Material e Espiritualidade*. Aljezur, Câmara Municipal de Aljezur.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2012) – Arrifana, Ribât da (Aljezur). In *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinhas, pp. 44, 45.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela (2014) – The Arrifana Ribât (Algarve). The study of the Necropolis. *Fondation Max van Berchem Bulletin*. Genève. 28 (Dec.2014), pp. 3-6.
- GOODRICH, David Raymond (1978) – *A Sûfi Revolt in Portugal: Ibn Qasî and his Kitâd Hal'al-na'layn*. Columbia: Columbia University.
- GUTIÉRREZ LLORET, Sonia (1990-91) – Panes hogazas y fogones portátiles. Dos formas cerámicas destinadas a la cocción del pan en Al-Andalus: el hornillo (*tannur*) y el plato (*tâbaq*). *Lucentum*. Alicante. IX-X, pp. 161-175.
- HERCULANO, Alexandre (1875) – *História de Portugal*. Vol. II, 8^a ed. Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand.
- LAGARDÈRE, Vincent (1998) – La tariqa et la révolte des muridûn en 539H/1144 en Andalus. *Revue de l'Occident Musulman Méditerranéen*. Aix-en-Provence. 1, pp. 157-170.
- LAGARDÈRE, Vincent (1998) – *Les Almoravides. Le Djihâd Andalou (1106-1143)*. Paris: Éditions L'Harmattan.
- LÉVI-PROVENÇAL, Évariste (1938) – *La Péninsule Ibérique au Moyen Age d'après le Kitab Ar-Rawd Al-mi'tar Fi Habar Al-Aktar d'Ibn Abd Al-Mun'im Al-Himyari*. Leiden: Brill S.A., Publications de la Fondation de Goeje.
- LOPES, David (1910) – Os árabes nas obras de Alexandre Herculano. *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 3 (1), pp. 50-273.
- LOPES, David (1928) – O Domínio Árabe. *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora Lda, pp. 289-431.

MARQUES, António Henriques de Oliveira (1972) – *História de Portugal*. vol. I. Lisboa: Edições Agora.

MARÍN, Manuela (2004) – La práctica del *ribāt* en Al-Andalus (ss. III-V/IX-XI). In *Fouilles de la Rábita de Guardamar I. El Ribat Califal. Excavaciones e Investigaciones (1984-1982)*. Madrid: Casa de Velázquez, pp. 191-201.

MOLINA, Luís (1983) – *Una Descripción Anónima de Al-Andalus*. vol. II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

PARREIRA, Oliveira (1899) – *Os Luso-Árabes*. vol. 2. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.

PICARD, Christophe (1997) – *L'Océan Atlantique Musulman. De la conquête Arabe à l'Époque Almohade*. Paris: Maisonneuve et Larose.

PICARD, Christophe (2000) – *Le Portugal Musulman (VIII^e-XIII^e Siècle)*. Paris: Maisonneuve et Larose.

SALGADO, Fr. Vicente (1786) – *Memórias Eclesiásticas do Reino do Algarve*. vol. I. Lisboa: Regia Officina Typografica.

SEYBOLD, Christian Friedrich; LOPES, David (1903) – Onomatologia arabico-portuguesa. *O Archeologo Português*. Lisboa. 8, pp. 123-131.

SIDARUS, Adel Yussef (1992) – Novos dados sobre Ibn Qasi de Silves e as taifas almorávidas no Gharb al-Andalus. *I Jornadas de Silves*. Silves: Associação de Estudos e Defesa do Património Histórico-Cultural de Silves, pp. 35-40.

SIDARUS, Adel Yussef (1992a) – A rebelião algarvia contra os Almorávidas e o movimento muridita do *mahadi* Ibn Qasi. *7º Congresso do Algarve*. Silves: Racal Clube.

SIDARUS, Adel Yussef (1997) – Novas perspectivas sobre o *Gharb Al-Andalus* no tempo de D. Afonso Henriques. *D. Afonso Henriques e a sua Época – 2º Congresso Histórico de Guimarães*. Guimarães: vol. 2, pp. 249-268.

